

Liberté, Iqualité, Fraternité et Vinagré

Profº Me. Narciso Luiz Gomes

O sol está mais luminoso do que nunca e seus raios atingem a todos, as recentes manifestações pela reivindicações do não aumento dos transportes (ônibus, metrô, trem) os famosos R\$0,20, iniciaram o que chamo de fim da autoridade institucionalizada, o que se pretende é a extinção dos partidos políticos a velha ordem e o nascimento de uma nova ordem, se é possível afirmar, um anarquismo esclarecido.

A ideologia não se presta a representar as classes sociais, sua falência parece ser inevitável, o individuo estava enclausurado e se libertou de suas amarras. O capital que tudo transforma em interesse e banaliza a vida encontrou seu adversário, o estético submetia o ético, agora não mais. Os homens renunciaram ao sentido e substituíram o conceito pela fórmula, a causa pela regra e pela probabilidade.

O que não se submete ao critério da calculabilidade e da utilidade torna-se suspeito.

De agora em diante o ser se resolve no logos, mero ponto de referência e na massa de todas as coisas e criaturas exteriores a ele, uma única distinção, a distinção entre a própria existência e a realidade. O sistema capitalista submeteu o homem a sua própria condição, seja um individuo que consome que apropria a mercadoria sem valor, transformar-se em mercadoria que troca sua identidade e liberdade pela necessidade, viver não é preciso, ter e usufruir é preciso, a existência conforma-se com o objeto, e o objeto sem sentido, a moral negociada, o fato torna-se nulo, mal acabado. O que seria diferente é igualado. Esse é o veredicto que estabelece criticamente os limites da experiência possível. O preço que se paga pela identidade de tudo com tudo é o fato de que nada, ao mesmo tempo, pode ser idêntico consigo mesmo.

A vida humana atual e agora não mais necessita de intermediário, de representante, de aglomerado institucionalizado, de leis ordenadoras e ou repressoras. O homem contemporâneo atingiu uma civilidade capaz de auto representar-se, autoagir, as redes sociais são o cimento do aqui e agora, ele necessita encontrar o outro, e com o outro discutir o que fazer, a audácia tornou-se seu objeto, não somente de ciência que conhece as coisas na medida em que pode fazê-las. É assim que seu em si torna para-ele. Nessa metamorfose, a essência das coisas coloca-se como valor ético inegociável, o campo político não é mais do representante e sim do representado com ele mesmo e com seus parceiros, as reivindicações

não são mais oficiais e sim subjetivas nas redes sociais, a transferência daqui em diante será uma exigência do novo homem, que não se preocupa com o macro e sim com seu dia a dia, a micro sociologia, seu embate é com sua ascensão social via educação, sua livre iniciativa à procura de uma felicidade limitada, seu campo de batalha é a práxis sem violência, seu antagonismo, sua identidade não será mais negociada com o sistema, não será mais objeto, mais sim sujeito.

Não se coaduna mais com o marketing, não é mais “recurso humano” para o capital, muito menos “negócio de estado” quer ser considerado como indivíduo que pensa, não só o que reproduz (mercadoria) apesar de necessário quer o esclarecimento.

O estoicismo é nisto que consiste a filosofia burguesa – torna mais fácil para os privilegiados, em face dos sofrimentos dos outros, enfrentar as ameaças a si próprios. Ele preserva o universal, elevando a vida privada ao nível de um princípio para se proteger dele. A esfera privada do burguês é o patrimônio cultural decaído da classe superior. Aos pobres só resta à indústria cultural, esse lixo que insiste em reproduzir-se, o homem comum vive nesse meio cegamente e se conforma com seu cheiro, nada parece mover-se. O entusiasmo é mau. A calma e a determinação constituem a força da virtude.